ORIENTE MÉDIO

# O fantasma do 7/10

A 20 dias das eleições legislativas e no terceiro aniversário do massacre, o premiê Benjamin Netanyahu alerta que o Hamas pode voltar a atacar Israel. Especialistas admitem impacto político dos atentados, e sobreviventes relatam traumas

» RODRIGO CRAVEIRO

Illia Yefimovich/AFP

**Mulheres israelenses prestam tributo às vítimas dos ataques do Hamas no local da rave Festival Nova, em Re'im, no sul do país**

Há três anos, 3.800 terroristas das forças Nukhba, a "tropa" de elite do Hamas, e 2.200 militantes de outros grupos armados invadiram o sul de Israel a partir da Faixa de Gaza, pelo ar, por terra e pelo mar. O massacre, que deixou 1.195 mortos, abriu cicatrizes profundas nos sobreviventes e assombra as pretensões do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, de se manter no poder. Em 27 de outubro, as eleições legislativas renovarão os 120 assentos da Knesset (o Parlamento israelense). Vários membros da oposição chamaram Netanyahu de "inapto", após uma investigação concluir que os Emirados Àrabes Unidos alertaram o premiê sobre o ataque do Hamas quase 10 dias antes. Netanyahu avisou que o Hamas tentará influenciar as eleições com atentados e prometeu responder com "tremenda força". "Justamente por ser tão fraco, o Hamas tentará nos desafiar com os remanescentes de suas forças antes das eleições, numa tentativa de influenciá-las", advertiu o chefe de governo.

Para Eytan Gilboa — cientista político da Universidade Bar-Illan (em Ramat Gan, subúrbio de Tel Aviv) —, Netanyahu fracassou em não impedir a matança. "Em qualquer democracia liberal, ele teria renunciado. Mas membros da oposição que se uniram ao seu governo, imediatamente depois do massacre, salvamo-no. Isso pode afetar suas chances na eleição de 27 de outubro, mas apenas marginalmente", afirmou ao **Correio**. O especialista lembrou que o premiê se opôs ao estabelecimento de uma comissão de inquérito que teria sido capaz de investigar a falha do governo. "Netanyahu foi responsável por algum sucesso militar em todas as frentes: Irã, Gaza, Líbano, Iêmen e Síria. Ele tem buscado transferir a responsabilidade, que recairia sobre ele e seu gabinete, para as forças armadas e as agências de segurança."

Dahlia Scheindlin, analista política e colunista do jornal *Haaretz*, admitiu ao **Correio** que a forma como Benjamin Netanyahu lidou com o massacre de 7 de outubro é um de seus principais pontos fracos nestas eleições. "No entanto, vale ressaltar que seus índices de aprovação estavam caindo, e o apoio à sua coalizão havia perdido a maioria no começo de 2023, pois suas políticas eram impopulares. O massacre fez com que a imagem do premiê piorasse muito. Sua coalizão apresenta um desempenho melhor do que nos primeiros seis meses após o 7 de outubro, mas não o suficiente para vencer", explicou. "Veremos se ele conseguirá se recuperar, mas é preciso lembrar que o massacre tornou-se símbolo de uma longa lista de razões pelas quais a maioria dos israelenses não apoia os partidos da coalizão governista, segundo pesquisas."

De acordo com Scheindlin, a percepção tanto de eleitores judeus quanto árabes israelenses é a de que as decisões políticas de Netanyahu priorizaram extremistas religiosos que o mantiveram no poder e sacrificaram a segurança de Israel.

## Tabu

Sobreviventes do massacre de 7 de outubro consultados pelo **Correio** procuram se distanciar de assuntos políticos. Eles se focam nas memórias e nos traumas. Moradora do kibbutz de Nirim, a 2km da Faixa de Gaza, Michal Rahav disse que se lembra de tudo daquela manhã. "Eu me recordo do cheiro, dos barulhos, da sensação intensa de desesperança. Nós sobrevivemos graças ao meu marido, herói, que lutou contra os terroristas em nossa casa. Desde então, tudo mudou em nossas vidas. Saber que poderíamos ter perdido tudo em questão de segundos faz você encarar a vida de outra forma, sem desperdiçá-la com raiva e medo. Tento me sentir mais esperançosa, positiva e grata", afirmou.

As impressões que mais a marcam foi de quando viu-se obrigada a abandonar sua casa. "De um lugar lindo, onde as crianças andavam de bicicleta e caminhavam descalças, eu me deparei com uma zona de guerra, com destruição por toda parte, colunas de fumaça subindo aos céus, carros incendiados e corpos à beira da estrada", lembrou. Yoni Diller, 31 anos, estava na rave Festival Nova, no kibbutz de Re'im, a 1km de Gaza. "Às 6h30 daquele 7 de outubro, os foguetes foram disparados. Em minutos, percebemos que algo muito maior estava acontecendo. Eu fazia um trabalho voluntário, operando um drone, com Nadav, um amigo. Decidimos fugir e demoramos quatro horas e meia para percorrer 24 quilômetros. Perdi quatro amigos naquela manhã", disse.

Diller afirmou não acreditar na possibilidade de deixar algo como o 7 de outubro para trás. "Eu aprendi que curar-se não significa esquecer. Mas a saber como carregar o que aconteceu e, ainda assim, escolher a vida. O 7 de outubro mudou completamente minhas prioridades e minha percepção de vida. Nesse meio-tempo, viajei de avião mais de 50 vezes em menos de um ano e meio para compartilhar minha história, combater a desinformação e falar sobre Israel e o povo judeu. Também me casei e comecei a construir um novo capítulo da minha vida. Para mim, escolher o amor, a família, a esperança e a vida após o 7 de outubro faz parte da minha resposta ao que aconteceu."

Naquele 7 de outubro, Galia Sopher acampava com as duas filhas, perto do kibbutz Mefalsim, respeitando a tradição Sukkot, que relembra os 40 anos de êxodo dos hebreus no deserto. "Meu marido dormiu em nossa casa, em Mefalsim. Às 6h30, fomos acordadas pelo som das sirenes e foguetes. Por instinto, simplesmente me lancei sobre minhas filhas para protegê-las com meu corpo. Tentei ligar para meu esposo, para que viesse nos buscar, mas não havia sinal de celular. Foi então que uma equipe de segurança do kibbutz nos levou para casa", relatou.

Ela, o marido e as filhas ficaram mais de 22 horas dentro do "quarto seguro". "Nós escutávamos explosões e disparos de metralhadora do lado de fora e, em certo momento, compreendemos que havia terroristas dentro do kibutz. Fomos retirados de Mefalsim, sob escolta militar, na madrugada de 8 de outubro. Enquanto nos afastávamos do kibutz, vimos carros queimados e corpos ao longo das estradas. Ainda não sei como sobrevivemos quando tantas outras famílias não sobreviveram. Tivemos uma sorte incrível."

### Eu acho...

Fotos: Arquivo pessoal

*"A campanha de Netanyahu tenta afastá-lo o máximo possível do massacre. Entre segunda-feira e hoje, Israel realizou e realizará homenagens às pessoas assassinadas em 7 de outubro. Isso prejudica o primeiro-ministro. Até o momento, a oposição tem se concentrado em questões polêmicas, como o recrutamento dos judeus ultraortodoxos, as falhas do governo em diversas áreas e o custo de vida."*

**Eytan Gilboa,** *professor de ciência política da Universidade Bar-Illan (em Ramat Gan, Tel Aviv)*

Oren Ziv

*"O mais chocante foi ver com que rapidez a vida normal se transformou em caos absoluto e perceber que pessoas caçavam outras simplesmente por estarem ali. Mas o que mais me marcou não foi apenas a brutalidade. Foi ver pessoas ajudando umas às outras e arriscando a vida por estranhos. Vi gente aterrorizada que, ainda assim, escolheu salvar o próximo. O mal estava presente, mas também uma coragem extraordinária.*

**Yoni Diller,** *31 anos, sobrevivente do massacre de 7 de outubro*

Arquivo pessoal

*"Três anos depois, acho que a coisa mais difícil de explicar é que você pode sobreviver a algo e, ainda assim, carregar isso consigo. Em resumo: estou viva, com saúde, tenho uma família linda e estamos seguros. Ao mesmo tempo, não sou a mesma que antes de 7 de outubro. 'Casa' era sinônimo de segurança. O kibutz era um lar. Em 7 de outubro, essa sensação desapareceu."*

**Galia Sopher,** *38 anos, sobrevivente do massacre de 7 de outubro de 2023*

FRANÇA

# Revolta nas escolas se alastra

Dimitar Dilkoff/AFP

**Protesto em Paris: ofensiva em marcha contra o governo de Emmanuel Macron**

As estimativas variaram de 250 mil a meio milhão, mas a revolta dos estudantes secundaristas na França ganha ímpeto a cada dia, e ontem registrou cenas de repressão policial em Paris e outras cidades, com disparo de bombas de gás contra uma manifestação que reunia, além dos alunos, pais e professores. Jovens de 15 a 18 anos bloquearam centenas de escolas para denunciar a falta de substitutos para professores ausentes e horários sobrecarregados, além de salas de aula deterioradas e incapazes de suportar o aumento das temperaturas.

"A única coisa que pedimos é poder trabalhar e ter boas condições de trabalho, simplesmente", resumiu à agência de notícias France Presse (AFP) Loan, aluna do último ano do ensino médio, durante a manifestação em Marselha. Em Nantes, a faixa à frente da marcha dizia: "Escolas sem dinheiro, país sem futuro".

O descontentamento com a situação existe há anos, especialmente desde a adoção do sistema de acesso ao ensino superior Parcoursup, visto como elitista e pouco transparente. As últimas ondas de calor, que deixaram as salas de aula com temperaturas elevadas, e o relatório Pisa, no qual os alunos franceses registraram seu nível mais baixo desde 2000, intensificaram a preocupação.

Para reivindicar mais recursos, cerca de 250 mil pessoas manifestaram-se na França, convocadas por associações estudantis e sindicatos, segundo as autoridades. As organizações responsáveis pelos atos elevaram esse número para 450 mil. As marchas transcorreram de forma majoritariamente pacífica, com distúrbios pontuais em cidades como Paris, Lyon e Rennes.

Sindicatos, pais e universitários acompanharam ontem os secundaristas, para garantir uma jornada tranquila após os confrontos com as forças de segurança nas últimas semanas, que renderam ao governo críticas de "repressão policial". "A geração Z se levantou e quer ser ouvida", declarou à AFP Lilia, de 19 anos, que se manifestou na capital pelo irmão mais novo e pelos primos. Ela espera que o presidente Emmanuel Macron, de centro-direita, "ouça a juventude, em vez de financiar guerras", em referência ao aumento dos gastos militares.

No total, 488 pessoas foram detidas e 43 integrantes das forças de segurança ficaram feridos, informou o Ministério do Interior. Desde o início do movimento, o governo afirma que 215 estudantes ficaram feridos, assim como 85 profissionais da educação e 715 policiais. Mais de 6.500 pessoas foram detidas.

## Agenda política

A menos de sete meses do primeiro turno da eleição presidencial para escolher o sucessor do presidente Emmanuel Macron, e com a ultradireitista Marine Le Pen à frente nas pesquisas, os protestos entraram no debate político. Até o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que enfrenta dificuldades nas pesquisas para as eleições legislativas de 3 de novembro, atribuiu os distúrbios na França ao "islã" e à "imigração em massa fora de controle".

O governo Macron e os partidos de direita e extrema-direita acusam a França Insubmissa (esquerda radical), de Jean-Luc Mélenchon, de querer "semear o caos" antes da eleição presidencial. A oposição de esquerda, nucleada pelo Partido Socialista, culpa o governo pela repressão aos protestos. Um jovem de 15 anos perdeu uma mão, na segunda-feira, quando, segundo uma fonte de um sindicato policial, recolheu uma granada de dispersão em Lens. Outros estudantes perderam a visão de um olho ou dentes durante investidas das forças de segurança.

"Não podemos deixar nenhuma margem de tolerância para a violência", afirmou o primeiro-ministro Sébastien Lecornu, durante uma tensa sessão de questionamentos ao governo na Assembleia Nacional. Ele classificou como "mentiras" as referências a "instruções políticas de repressão policial" e falou em "acidentes". "Acidentes? Senhor primeiro-ministro, não tem mais nada a dizer (...) Perdeu a razão!", respondeu o deputado ecologista Benjamin Lucas-Lundy, que acusou o governo de permitir o uso de "armas de guerra" contra os estudantes.